



Ruy Castro

Bilac
vê estrelas

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVII

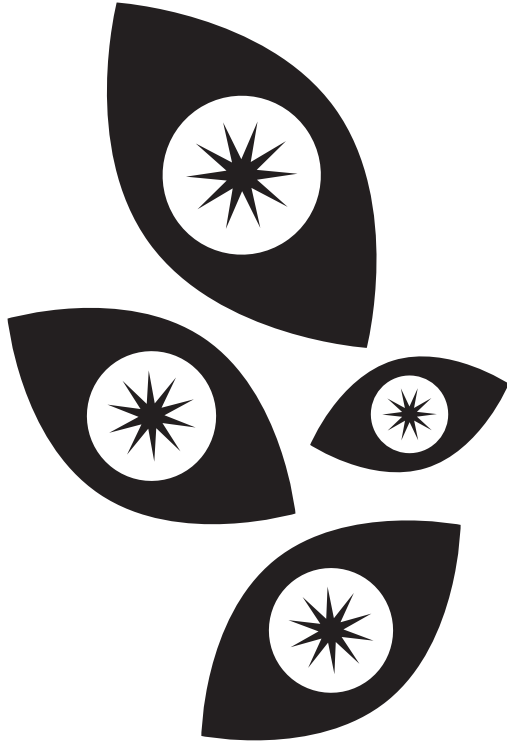
© 2017, Ruy castro
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Originalmente publicado em 2000,
Companhia das Letras, Brasil.

Título: *Bilac Vê Estrelas*
Autor: Ruy Castro
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Novembro de 2017

ISBN 978-989-671-405-5
Depósito Legal n.º 432763/17



I

Saçaricando na porta da Colombo, Olavo Bilac era um assombro. Viúvas, brotinhos e madames passavam pela famosa confeitaria da rua Gonçalves Dias lambendo-o com o rabo dos olhos. Não que Bilac fosse irrestritamente lambível. Podia ser alto, esbelto, elegante e o poeta mais querido do Brasil, mas era vesgo. Os amigos fingiam que não notavam, mas quando Bilac olhava de frente para eles, era como se com o olho esquerdo estivesse fritando o peixe e com o direito olhando o gato. Tentando disfarçar o estrabismo, Bilac decidiu passar o resto da vida de perfil. Logo concluiu que era uma falsa boa idéia: enquanto seu tronco ficava de frente, o rosto parecia estar posando para uma efígie, o que lhe provocava torcicolo. Então Bilac adotou o *pince-nez*, com o que camuflou a vesguice e voltou a encarar as pessoas, embora um monóculo estivesse mais de acordo com as últimas correntes literárias em Paris.

Mas não era pelos olhos de Bilac que, com fremente trepidação nas garupas, as cariocas de 1903 passavam pela porta da Colombo, todos os dias, entre quatro e cinco da tarde. Era na esperança de que, ao vê-lo conversando com os amigos na calçada da confeitaria, ele citasse casualmente uma das jóias do seu repertório poético. Algo assim como o «Ora (direis) ouvir estrelas!» Ouvir Bilac em pessoa

recitando alguns de seus versos de vinte e quatro quilates, mesmo enquanto mastigava um croquete de siri, devia ser até melhor do que ouvir as estrelas propriamente ditas.

Infelizmente, ele nunca lhes deu essa satisfação. Na verdade, Bilac detestava ser citado como «o poeta do ‘ouvir estrelas’» e só declamava seu famoso soneto em público sob a ameaça de bengaladas. As senhorinhas que captavam suas frases na Colombo chocavam-se ao descobrir que Bilac só parecia falar de esgotos, ratos, mosquitos, piolhos, peste bubônica e febre amarela. Mas, em maio daquele ano, as pessoas não queriam falar de outro assunto: o Rio tinha um novo prefeito, Pereira Passos, que estava promovendo uma faxina na cidade, pondo abaixo ruas inteiras e abrindo buracos por toda parte.

Por aqueles dias mesmo, na ânsia de ver Bilac, uma senhora distraía-se e caía dentro de uma vala da prefeitura, bem diante da porta da Colombo. O buraco fora aberto, a obra ficara pronta e o prefeito ainda não se lembrara de tapá-lo. Os boêmios da Colombo já eram íntimos do buraco e, mesmo assim, houve um, o cronista Rocha Alazão, que, desbussolado pelos conhaques e cervejas, tropeçou no bigode e caiu emborcado dentro dele. Alguém afixou uma placa onde se lia CUIDADO COM O BURACO. Mas o poeta Bastos Tigre, grande pândego (e, ele também, detentor de um dos mais enfáticos bigodes da República), achou que não era suficiente: comprou um coqueiro de porte médio e plantou-o no buraco. Meses depois, o coqueiro já estava crescido e ameaçando dar os primeiros cocos e nada de o buraco ser tapado.

Mesmerizada pela presença de Bilac na calçada da confeitaria, a dita senhora ignorou os avisos de cuidado e

carambolou buraco abaixo. Sucedeu-se um compreensível alarido e, minutos depois, içada a custo por cinco ou seis bebuns, ela confessou que a admiração pelo poeta fora a causa de seu infortúnio. Bilac, atenciosíssimo, mandou vir da Colombo um copo d'água e ainda lhe ofereceu seu autógrafo num cartão. Engolfada pela emoção, a matrona engasgou com a água e quase caiu de costas para dentro do buraco de novo.

Tudo isso devia ser envaidecedor, mas Bilac estava habituado à glória. Aos trinta e oito anos, já era um mito, uma lenda, um monumento nacional. Seus poemas, publicados em jornais, revistas e livros, eram lidos e decorados por milhares. Como cronista, era o sucessor de Machado de Assis na *Gazeta de Notícias*, indicado pelo próprio mestre. Como autor de quadrinhas para reclames de gotas para calos ou outros produtos, ele fazia o preço: 30 mil réis por quadrinha; se a quisessem assinada, 300 mil réis; e, por 600 mil réis, talvez ele fosse aplicar a domicílio as gotas nos clientes.

Mas, por mais amado e aclamado, Bilac não era um esnobe que flanasse entre nuvens. Todas as tardes, falante e catita, punha-se em exposição na Colombo ao alcance de um dedo de prosa, de pedidos de autógrafos e até de «mordidas», ou seja, pedidos de empréstimo. E, para onde aponhasse o nariz, levava um séquito de colegas, amigos e admiradores.

Algum tempo antes, por exemplo, ele mudara sem querer o eixo boêmio do Rio. Até então, como todo mundo, Bilac frequentava a Paschoal, a linda confeitaria da rua do Ouvidor, invejada pelas concorrentes por seu empadário com tampo de cristal. Mas, por um desentendimento com o gerente sobre o recheio das empadas, Bilac saiu tiririca,

dando bananas para o empadário e anunciando que nunca mais poria os pés no estabelecimento. Deixando um rastro de poeira, caminhou cinquenta passos, dobrou a esquina em direção à rua Gonçalves Dias e aboletou-se na recém-inaugurada Colombo, do português Lebrão. Atrás dele, de copo na mão e em coluna por um, vieram Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Pardal Mallet, Paula Ney, Valentim Magalhães, Emílio de Menezes e outros jornalistas, poetas e boêmios. Ali começava a morrer a saga da Paschoal — e a nascer a da Colombo.

Bilac aproveitou-se de que, àquela hora da tarde, seus amigos ainda não tinham ido fazer-lhe companhia na calçada da Colombo e tirou do bolso um vasto lenço estampado de flores azuis para limpar as lentes do *pince-nez*. Mesmo não havendo nenhum conhecido nas proximidades, tomou o cuidado de pôr-se de perfil enquanto executava a operação. Era um gesto inocente e automático, que repetia até quando estava sozinho em casa. Por essas e por outras é que havia quem o achasse vaidoso. Bilac devolveu o *pince-nez* ao nariz e o lenço à manga do casaco pensando em como era injusta aquela acusação. Ao contrário, pela adulação de que era alvo, julgava-se até modesto. É verdade que, às vezes, tinha a impressão de que, com o poder que adquirira como poeta, podia fazer qualquer coisa e sair ileso, assobiando.

No começo daquele ano de 1903, tivera uma prova disso: fora a primeira pessoa no Brasil a provocar um acidente de automóvel — e não levava sequer uma multa, um pito da autoridade. O pior é que o carro nem era dele, mas de seu mentor e ex-patrão no jornal *Cidade do Rio*, José do Patrocínio.

Ah... Patrocínio! Só de pensar no amigo, os olhos de Bilac enchiam-se de lágrimas e o obrigavam a aplicar de novo

o lenço de florões no *pince-nez*. Naquele momento o prestígio de Patrocínio estava em baixa, mas no tempo da Monarquia ele fora «O tigre da Abolição», o jornalista e tribuno mais aclamado do país. Fraques e cartolas oficiais gelavam quando ele invadia um recinto cheio de figurões e bradava: «Eu não peço a palavra. Eu tomo a palavra! Tenho esse direito!» — e fazia um inflamado discurso pela libertação dos escravos. O crítico Araripe Júnior o chamara de «tumulto feito homem», embora fora das batalhas Patrocínio fosse uma dama, um tico-tico, uma açucena.

Bilac se lembrava muito bem: Patrocínio era tão respeitado que lhe bastava chegar à sacada da redação do *Cidade do Rio*, na rua do Ouvidor, e pigarrear. Em trinta segundos, multidões se aglomeravam para ouvi-lo. Fazendo das palavras faíscas, descrevia um futuro em que os negros como ele seriam tão livres quanto os brancos e, juntos, construiriam a República brasileira. Mas então, em maio de 1888, a princesa Isabel libertou os escravos e Patrocínio ficou-lhe tão grato que foi a palácio e ajoelhou-se aos seus pés. A partir dali, seu coração dividiu-se entre a princesa imperial e o ideal republicano — e foi esse o problema.

Os colegas de tribuna passaram a olhá-lo torto, como se ele fosse um traidor. Na manhã do dia 15 de novembro de 1889, com a República afinal proclamada sem que ele tivesse tomado parte na conspiração, Patrocínio sentiu-se na obrigação de provar que nunca mudara de lado. Foi à sacada de seu jornal, hasteou a bandeira republicana, puxou «A marselhesa» e, ali encarapitado, regeu um coro de milhares. Depois saiu às ruas, seguido pela massa que cantava com ele o alonzanfan.

Em 1903, no entanto, tudo isso já fazia parte do passado. O futuro chegara e, agora, estávamos no século xx. Cantar «A marselhesa» em sacadas tornara-se *demodé* e qualquer regata em Botafogo ou no Flamengo parecia mais importante do que os destinos da República. De «O tigre da Abolição», Patrocínio fora reduzido à alcunha nada lisonjeira de «Zé do Pato». Sem muito assunto para seu jornal, este acabara fechando. Desde então, Patrocínio afastara-se da rua do Ouvidor e só às vezes zanzava pelos cafés com seu jeito gingado de andar, tomando uns copos. Não se sabia como, havia alguns meses, no Natal de 1902, dera um pulo até Paris. Na volta, trouxera um carro.

Era o primeiro automóvel do Rio — um Peugeot preto que soltava os traques mais explosivos e constringedores. Desembarçado o carro no cais do porto, Patrocínio girou a manivela e entrou nele, de quepe e guarda-pó, sob aplausos e apupos da multidão. À custa de vários desmaios e mortes do motor, atravessou a rua Primeiro de Março a dez quilômetros por hora e conseguiu levar a furreca até sua casa, no Engenho de Dentro. Dias depois, convidou Bilac a dar uma volta. E este, peralta como ele só, também quis dirigir a geringonça.

O próprio Patrocínio mal sabia fazer o carro andar em linha reta, mas achava-se com ciência para instruir Bilac. Os dois passaram por cima um do outro no assento e trocaram de lugar. Patrocínio mostrou-lhe como dar a partida e Bilac, sem controle dos pés e das mãos, pisou na tábua até o fundo, com o ímpeto de quem esmaga uma lacraia. O carro soltou dois ou três puns ribombantes, disparou em ziguezague pela até então pacata ruela suburbana e, cem metros depois, achatou-se contra a única árvore à

vista. Por milagre, nenhum dos dois se machucou. Só o carro levou a breca.

Se Patrocínio se aborreceu com Bilac por este lhe ter escangalhado o carro, não passou recibo. Quanto a Bilac, exibindo um galo na testa, adorou acrescentar o caso a sua mitologia particular e contou-o dezenas de vezes na Colombo. Na sua versão, a árvore que transformara o carro em sanfona brotara de repente do chão, germinada num átimo por Zeus, para impedir que ele, o Aquiles do volante, vencesse os deuses em velocidade. Mas, dizia Bilac, os deuses estavam com os dias contados: os automóveis eram os Pégasos modernos e um dia seria possível a qualquer um ir ao Olimpo de manhã e voltar ao Rio a tempo de pegar o fim de tarde na Colombo. E quando isso acontecesse, todos se lembrariam: o primeiro acidente automobilístico no Brasil fora provocado por um poeta.

Bilac ria sozinho ao se lembrar da história. Ela vinha enriquecer sua teoria de que os poetas não eram seres etéreos, desligados do mundo, mas homens de carne e osso, capazes de covardia ou bravura conforme o caso. O que lhe trouxe à memória seu inacreditável duelo com Pardal Mallet em 1889, um ou dois meses antes da proclamação da República.

Não fora um duelo de *mots d'esprit*, nem de rimas nem de copos, como era comum — mas um duelo para valer, a espadas, que terminara em sangue. E olhe que Bilac e Pardal eram amigos do peito, colegas de redação, passavam dia e noite juntos rindo na Ouvidor. O motivo, aliás, fora o *Cidade do Rio*. Pardal Mallet deixara o jornal de Patrocínio para fundar o seu próprio jornal, *A Rua*, e levava Bilac consigo. Mas Bilac não conseguia ficar muito tempo longe de Patrocínio, sua maior admiração. Logo voltou para o *Cidade*

do Rio e, o que é pior, rebocou os colegas que tinham ido com ele. *A Rua* fechou.

Na Paschoal, que eles ainda frequentavam, Pardal culpou Bilac pelo fracasso de sua folha. Os dois discutiram e se mimosearam com expletivos:

«Suja-laudas!», vociferou Pardal.

«Troca-tintas!», investiu Bilac.

«Pelintra!», bramiu Pardal.

«Biltre!», berrou Bilac.

«Caolho!», rugiu Pardal.

«Cínico! Patife! Torpe! Vil! Embusteiro! Não sei onde estou que lhe não parto a cara!», ejaculou Bilac.

Espelhos tremeram, os pingentes dos lustres repicaram e temeu-se pela sorte do célebre empadário. Dois ou três amigos acudiram com os panos quentes. Bilac pôs-se de perfil e foi taxativo:

«Não tenho prateleira para guardar insultos!»

Se houvesse ali um bate-barbas, Bilac levaria a pior, por não usar barbas, ao passo que Pardal cultivava um belo canhaque louro. E uma briga a bengalas, com as maçarandubas de castão de chumbo, estava fora de questão entre dois homens que, minutos antes, amavam-se como irmãos. Então Bilac e Pardal tiraram as luvas, esbofetearam-se mutuamente e levaram a querela para o campo de honra.

Os padrinhos foram escolhidos e marcada a data do duelo. Mas a informação vazou pelos cafés, e a polícia, a quem cabia reprimir duelos, ficou de olho. Por duas vezes o combate teve de ser adiado, o que provocou chistes e chacotas entre seus colegas na Ouvidor — ninguém acreditava que os dois jornalistas, um deles poeta, adeptos da pena e não da espada, fossem bater-se de verdade. Houve

quem sugerisse que, em vez de espadas, eles iriam duelar a guarda-chuvas. Para evitar a desmoralização, Bilac e Pardal resolveram então bater-se sem testemunhas, entre quatro paredes, e lavrar uma ata assinada por ambos, dando conta do que acontecera. Dias depois, deu-se o duelo.

Protegidos pela madrugada, cada qual no seu tílburí, os dois tomaram o rumo da Lapa, para a casa de um amigo na rua do Riachuelo. Como combinado, o amigo os recebeu e saiu em busca de um médico, com instruções de ficar à espera na rua e só entrar quando fosse chamado. O duelo seria ao primeiro sangue — ou seja, até que um dos dois fosse ferido.

Bilac e Pardal trancaram-se por dentro, mas, como homens civilizados, não partiram logo para a refrega. Primeiro depuseram os chapéus e as bengalas, sentaram-se nas poltronas de couro e, entre os vermouths e cigarros do anfitrião, relembrou sua amizade e falaram do tempo privilegiado em que viviam. Tempo em que os ricos mil-réis que ganhavam com poemas e artigos eram gastos sem a menor cerimônia nos cafés, nos chapeleiros e nas camisarias — porque no dia seguinte sempre haveria um novo soneto para escrever, um assunto para comentar, uma causa para defender. Eles e seus colegas de boêmia, de jornal e de literatura, liderados por Patrocínio, eram os senhores do Rio. Os restaurantes os recebiam com espalhafato, sua presença era uma honra aonde quer que fossem — uma frase de um deles valia um almoço, um soneto pagava um banquete para seis ou oito. E, em último caso, podiam fiar a perder de vista.

«Estás a ver?», Bilac e Pardal se diziam. O Rio era adorável; os dias, azuis; as noites, estreladas; e eles, jovens, bonitos e imortais. Não, a vida é que era adorável, concluíram.

E agora iam apostá-la num estúpido duelo, do qual um deles se arriscava a sair morto. Mas não tinham alternativa.

Sem outra palavra, resignados e já com saudades de si mesmos, despiram os casacos, coletes, gravatas, colarinhos, punhos e camisas. De peito nu e calças presas pelos suspensórios, fecharam as cortinas, afastaram os móveis e escolheram os floretes. Cumprimentaram-se tristes e sem se olhar. Deram dois passos para trás, brandiram as lâminas e avançaram.

Mas nenhum dos dois era d'Artagnan. O Rio também não era Paris e a chué rua do Riachuelo não era o Jardim do Luxemburgo. Na verdade, à luz do gás que ampliava suas sombras, o maior risco era o de um daqueles espadachins de araque furar o olho ou o baço do outro sem querer. Por sorte, o combate durou apenas quatro segundos.

No primeiro bote de Bilac, Pardal esqueceu-se de saltar de lado e a espada do poeta atingiu-o de raspão, sob a última costela. Pálido de espanto, Bilac viu sangue no amigo. Atirou longe o florete e partiu aos prantos para socorrê-lo. Pardal deixou-se abraçar, beijar e ensopar-se pelas lágrimas do poeta. Bilac carregou-o nos braços, depositou-o no sofá e correu para a rua, despenteado e seminu, clamando pelo dono da casa e pelo médico.

Não um, mas três médicos estavam de prontidão com o amigo, na calçada da rua do Riachuelo. Um deles tratou do ferimento de Pardal, o que lhe tomou apenas alguns segundos, e cuidou de acalmar Bilac, o que lhe tomou muito mais tempo. Os outros dois lavraram um atestado certificando que o sr. Pardal Mallet fora ferido em duelo pelo sr. Olavo Bilac e que, com isso, estavam ambos desagradados e podiam voltar a ser amigos.

Com o dia quase amanhecendo, Bilac e Pardal saíram abraçados e felizes pela rua rumo ao Largo da Carioca, flertando com as últimas estrelas e chutando cambucás podres pelo caminho. De repente, o Rio *era* Paris e eles, dois bravos mosqueteiros de Dumas *père*. Sim, a vida é que era adorável.

Mas aquele duelo, *bélas*, também acontecera quatorze anos antes. Desde então, muita coisa se passara na vida de todos eles.

Bilac sabia muito bem. Ali, de pé, na porta da Colombo, ele era um dos últimos sobreviventes da boêmia literária. No interregno, três pragas — o emprego, o casamento e a morte — tinham feito uma devastação no seu círculo de amigos. Aluísio Azevedo, por exemplo, entrara para a vida diplomática, fora ser cônsul na Europa e dera as costas ao Rio. O travesso Coelho Neto se casara, tivera filhos e trocara as polainas pelos chinelos — nunca mais saíra à rua, muito menos à noite. O ardente Raul Pompéia se matara. A tuberculose levava Valentim Magalhães, Pardal Mallet e o maravilhoso Paula Ney. Amigos tão queridos e, agora, tão cadáveres, inclusive os vivos.

Emocionado por essas lembranças, Bilac deu dois suspiros e entrou sozinho na Colombo. Sentou-se à mesa costumeira, perto da porta, e pediu ao garçom:

«Café com conhaque. Sem café.»

Aquele coquetel maroto tinha sido inventado por Paula Ney. Ao pedi-lo, Bilac sentia-se homenageando o amigo, já que não podia escrever um ensaio erudito sobre sua obra. E por que não podia? Porque Paula Ney fora um escritor que nunca pusera uma palavra no papel. Sua *oeuvre*, como

ele a chamava, estava nas frases de espírito que disparava na Ouvidor — mas que, por serem de espírito, eram gasosas, fugazes, volatilizavam-se nas esquinas e ninguém se preocupara em anotá-las.

Paula Ney morrera havia cinco anos e, exceto Bilac e Patrocínio, ninguém mais parecia lembrar-se dele. Bolas, pensou Bilac, de que adiantava viver, se a posteridade não tomasse conhecimento? Ele pelo menos tinha uma obra: seus poemas continuariam a ser lidos séculos afora. E o que o futuro diria de, exatamente, Patrocínio? Sua obra era sua coragem, sua luta, seu amor pelo Brasil — mas, para que a esquecessem, ele nem precisava morrer. Já estava acontecendo com ele vivo.

E, então, naquele preciso momento, como só acontece nos romances, Bilac foi acordado de suas reflexões por um pequeno jornalista que entrou na Colombo gritando a manchete de *O Paiz*:

EXTRA! MORTE EM PAQUETÁ!
CADÁVER ENCONTRADO NA PRAIA
PODE SER JOSÉ DO PATROCÍNIO!

SOBRE O ESCRITOR-PERSONAGEM

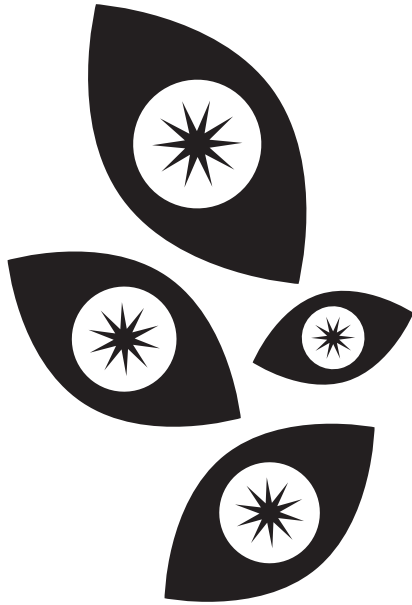
Olavo Bilac nasceu em 1865 no Rio, na esquina das ruas Uruguaiana e Sete de Setembro, a poucos metros de onde se passa a ação de *Bilac Vê Estrelas*. Seu pai era médico do Exército e lutou na guerra do Paraguai. Para fazer-lhe a vontade, Bilac entrou para a Faculdade de Medicina (aos quinze anos, mediante autorização especial), mas logo abandonou-a por falta de vocação. Também por falta de vocação, nunca se casou.

Sua vocação estava na poesia, na boêmia e na agitação. Em 1884 publicou seus primeiros poemas em jornais e iniciou intensa atividade como cronista e articulista. Como poeta, era um escravo da beleza, mas como prosador entregou-se às campanhas republicana e abolicionista, principalmente em *A Cidade do Rio*, jornal fundado por José do Patrocínio. Lutou também como boêmio, na roda de escritores e jornalistas liderados por Patrocínio, que agitavam os cafés cariocas e formavam a opinião pública brasileira. A República foi instituída em 1889, mas três anos depois vários participantes do grupo de Patrocínio se opuseram a Floriano, o «marechal de ferro» e segundo militar a ocupar a presidência. Foram todos presos, inclusive Bilac. Com os civis finalmente no poder a partir de 1894, ele viria a representar o Brasil em diversos congressos internacionais.

Sua reputação como poeta já estava firmada desde 1888, com a publicação de «Poesias», que incluía os livros *Via Láctea*, *Sarças de fogo* e *O caçador de esmeraldas*. Em 1907, um concurso da revista *Fon-Fon* elegeu-o «o príncipe dos poetas brasileiros», referendando sua impressionante popularidade. Mas só em 1917 ele publicaria outro livro de poesia, *Tarde*, dedicado a Patrocínio, morto em 1905. A escola poética que o teve como maior expoente no Brasil, o parnasianismo, foi o grande alvo da crítica dos modernistas de 1922, embora eles reconhecessem o valor de Bilac. Mário de Andrade, na época, classificou-o de «o malabarista mais genial do verso em português». E, na década de 1910, Oswald de Andrade vinha frequentemente ao Rio render-lhe homenagem.

Bilac foi antimilitarista em boa parte da vida e famoso pelo espírito galhofeiro e quase irresponsável — estava sempre disponível para brincadeiras, trotes e gozações. Ao se aproximar dos cinquenta anos, no entanto, foi-se deixando «oficializar». Em 1915, ao ver no Exército o único meio de alfabetizar e dar formação profissional aos jovens do atrasado interior do país, pregou o serviço militar obrigatório. O Exército acolheu com entusiasmo a idéia e fez de Bilac o símbolo de sua campanha. O poeta acabou se tornando sinônimo do civismo no Brasil.

Olavo Bilac morreu no Rio de Janeiro em 1918, aos cinquenta e três anos, de problemas cardíacos. Seu enterro foi acompanhado por uma multidão. Em 2000 a Confeitaria Colombo criou o «picadinho à Bilac», com champignon, passas, milho verde, banana frita e farofa de ovos.



Ruy Castro nasceu em Minas Gerais, no Brasil, em 1948. Jornalista, biógrafo e escritor, começou como repórter, no Rio de Janeiro, em 1967, e passou por todos os grandes órgãos da imprensa carioca e paulistana. A partir de 1990, dedicou-se em exclusivo aos livros. É autor das aclamadas biografias de Carmen Miranda, Garrincha e Nelson Rodrigues (*O Anjo Pornográfico*, Tinta-da-china, 2017), de livros de reconstituição histórica, ficção, humor e ensaios, e, mais recentemente, de *A Noite do Meu Bem: A História e as Histórias do Samba-Canção*. O clássico *Chega de Saudade: A História e as Histórias da Bossa Nova*, de 1990, foi publicado pela primeira vez em Portugal pela Tinta-da-china em 2016, assim como *Carnaval no Fogo* (Colecção de Literatura de Viagens, 2017). Autor multipremiado, os livros de Ruy Castro estão traduzidos e publicados em vários países: EUA, Inglaterra, Alemanha, Japão, Espanha, Itália, Polónia, Rússia e Turquia. É cidadão benemérito do Rio de Janeiro.

Bilac vê estrelas

foi composto em caracteres HoeflerText
e impresso pela Guide, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book de 90 g,
em Outubro de 2017.